

INTRODUÇÃO

Os Krenak, que atualmente se encontram à margem esquerda do Rio Doce no município de Resplendor, distrito de Independência, são remanescentes dos Botocudos que habitavam os vales dos Rios Mucuri, Jequitinhonha e Doce.

"Botocudo" é nome genérico e com conotações pejorativas aplicado aos índios que tinham como padrão de cultura o uso de botoques de madeirá, auriculares e labiais, descritos por vários autores do século XIX. Sendo nômades eles cobriam ampla extensão daqueles territórios, agrupando-se em pequenos bandos.

No início do século XIX, as correntes migratórias se aprofundaram em terras de domínio destes povos, provocando sérios conflitos, já que uma das características dos grupos era a de possuirem técnicas aprimoradas de guerrilhas e não serem receptivos ao contato com os intrusos de suas terras.

A partir de 1817, o nome genérico "Botocudo" vai cedendo lugar às de denominações locais e regionais tais como Krekmún, Naknanúk, Pejaurum, Djiporóca, Krenak, Pojitzá, Bakuén, Porohum, concentrando-se praticamente nos vales dos Rios Doce e Mucuri.

Em fins do século XIX, alguns "bandos Botocudos" ainda não contatados perambulavam em área limítrofe de MG e ES. Aproximadamente em 1910 foram criados os FPII de Pepinuque e Pancas com o objetivo de aldeiar estes índios.

A repressão aos Botocudos de MG, paralela à conquista do interior, teve um caráter etnocida para estas nações. Em Cartas Régias de 1808 e 1809, destacando-se as de 13 de maio e 2 de dezembro, D. João declara a guerra ofensiva ou guerra justa contra os Botocudos, guerra esta que dá início ao processo oficial de extermínio.

HISTÓRICO

Consta dos relatórios do extinto Serviço de Proteção ao Índio - SPI que um destes grupos, chefiados pelo Capitão Krenak, negava o contato com as frentes de atração. Os FPII de Pepinuque e Pancas localizavam-se longe da área de perambulação destes índios, o que levou, em 1920, a criação do PI Guido Marlière, na margem esquerda do Rio Doce. Para a oficialização do PI fez-se um relatório, em 1914, que dava como sendo de 70 o número de índios nesta região, habitando uma aldeia distante da margem do Rio Doce. Mesmo com a criação do PI Guido Marlière, os índios não se aproximavam e permaneciam distantes da sede, sendo esporadicamente visitados pelos encarregados do PI.

Em 1923 aparece um fato "obscuro" na historiografia oficial. Num relatório da administração local se descreve um massacre na aldeia. (Eu não tive até hoje acesso ao texto integral do relatório.). O então Ministro da Agricultura Pin e Almeida, chefe do Ministério responsável pela atuação do SPI, refere-se laconicamente ao acontecimento:

"Esse Posto soffre, em 1923, uma profunda perturbação na sua vida administrativa em virtude de graves acontecimentos ali desenvolvidos em 31 de janeiro, de que resultaram na morte de nove índios e a retirada de algumas famílias indígenas."(1)

Creio que este relatório se refere ao massacre na "aldeia velha" de que toimei conhecimento através dos índios. Segundo eles, os brancos invadiram a aldeia armados, atirando e matando vários índios, não respeitando velhos, mulheres ou crianças. Os adultos fugiram para o mato. Alguns deixaram crianças que foram usadas como reféns pelos invasores, que as torturavam na expectativa dos adultos virem salvá-las. Como os que estavam no mato não vinham, eles então cortavam as crianças pelo meio com facão. Grande parte dos índios morreu. Os que restaram, abandonaram a aldeia velha e vieram aldear na sede do PI.

Em 1926, estes mesmos índios foram visitados por Froés Abreu e eram apenas 22.

Acredito que o episódio de 1923 significou para este povo, à "rendição" ao invasor, talvez pelo abandono da característica guerreira que possuíam. A partir daí se inicia a mestiçagem (o que ao meu ver se deu pela susência de homens, possivelmente guerreiros mortos em 1923.).

Depois do aldeamento no PI a situação tornou-se mais grave. As terras do Rio Doce tiveram grande valorização com a abertura da Estrada de Ferro Vitória - Minas - EFVM e foram (e são ainda) alvo da cobiça dos latifundiários, através da grilagem. Os índios citam vários Chefes de PI que doaram ou venderam suas terras à fazendeiros da região, apesar de ser-lhes garantido constitucionalmente a posse das terras através da lei nº 788 de 18 de setembro de 1920, assinada pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais, Sr. Arthur da Silva Bernardes, que doa à União 4.000 ha para a fundação de uma Colônia Indígena.

Com a desativação do SPI, durante algum tempo os Krenak se viram sem assistência do Governo Federal e ameaçados diretamente pela invasão dos latifundiários em suas terras.

Em 1958, eles foram transferidos para a região dos PPII Pradinho e Água boa, no nordeste de MG, que é área de domínio Maxakali. Somente Joaquim Izidório Crenaque permaneceu nas margens do Rio Doce, negando-se a aceitar a transferência. Como não se adaptaram as terras dos outros índios, iniciaram a caminhada de retorno, gastando 96 dias à pé até Governador Valadares, depois tomado o trem para o PI Guido Marlière. Entretanto, ao chegarem em suas terras, elas já estavam invadidas pelo gado dos fazendeiros que não permitiam à eles ficar nelas. Eles permaneceram então durante algum tempo numa das ilhas próximas à extinta sede do PI, até que a Polícia Florestal "conseguiu para eles" o retorno à margem esquerda do Rio Doce, de onde haviam sido transferidos.

A partir desta época, desencadeou-se o processo de dispersão deste povo. Algumas famílias não retornaram ao PI e de Governador Valadares seguiram para São Paulo ou Mato Grosso. Os que retornaram ao Krenak sofreram a repressão constante dos latifundiários. Vários índios foram encontrados mortos no rio, abatidos quando tinham ido pescar. Outro, quando dormia no mato ao lado do fogo, foi queimado da cintura para baixo. Em consequência, sofreu a amputação de suas pernas, o que provocou uma infecção, levando-o a falecer.

O desmatamento intensificou-se e já não era possível encontrar matéria prima para a produção de objetos de uso diário e adornos. A caça foi afugentada. A poluição do Rio Doce (com a implantação de indústrias em GV), já não tornava possível a fartura da pesca. Apesar das alterações em seu modo de vida, este povo resistiu à sua maneira às investidas etnocidas da colonização.

No início da década de 60, algumas famílias começaram a retornar do MT e SP. Esta época eles ocupavam uma pequena parte de terra, já que, sem a proteção oficial, eram obrigados a reduzir cada vez mais seu domínio territorial. Os cemitérios e lugares de significação religiosa foram tomados pelo caipim.

No final da década de 60, o órgão oficial de tutela, Fundação Nacional do Índio - FUNAI, passa a assistir a área do antigo PI Guido Marlière através da Ajudânci MG/BA. O delegado responsável era o Capitão da Polícia Militar de Minas Gerais, Mancel dos Santos Pêneiro.

Nesta época a FUNAI abre um processo de reintegração de posse contra os 54 invasores da área indígena que constitucionalmente é de domínio da União com usufruto para os índios. Em 29 de março de 1971 é concedida a reintegração como medida liminar. A FUNAI tinha um objetivo na área:

"Processar-se-á, então, o levantamento sócio econômico dessas glebas' com finalidade de obterem-se dados que permitam estabelecer contratos de arrendamento rendosos e justos com aqueles posseiros idôneos. As glebas restantes serão distribuídas entre os índios, os quais, sob orientação econômica e técnica, passarão a explorá-las em benefício próprio." (2)

Pode-se observar também, que o objetivo da FUNAI não era apenas este, pois desde 1969 funcionava na área o "Centro de Reeducação Indígena"(3) que era nada mais nada menos do que uma Colônia Penal Indígena dirigida pela Folícium Militar de Minas Gerais da região.

O funcionamento da Colônia Penal Indígena, levou o povo Krenak ao convívio forçado com outros grupos indígenas, o que muito contribuiu para o fechamento dos valores culturais, e que muitas vezes os leva a resistir à transmissão de sua história, bem como de sua língua.

Apesar da concessão da liminar favorável aos índios, o movimento dos posseiros da região culminou com a transferência arbitrária e forçada do povo Krenak. Eles foram levados à força para a Fazenda Guarani, município de Carmésia, em MG. A transferência não foi aceita inicialmente pelos índios, principalmente Krenak, mas diante da prisão de Joaquim Izidório Crenaque (que havia resistido a ida para o Maxakali) eles cederam. A dispersão se deu novamente, indo os índios em sua maior parte para os FPII de São Paulo e para as cidades vizinhas, Resplendor e Conselheiro Fena.

A insatisfação com a Fazenda Guarani foi geral. Trata-se de uma fazenda doada ao Governo de MG pelo proprietário que não tinha herdeiros e possuía dívida de imposto do imóvel. Durante algum tempo ela serviu a FIMG para treinamento anti guerrilha. Depois foi doada a Santa Casa de Misericórdia, que a devolveu e, antes de abrigar os índios, serviu de alojamento para posseiros da região que estavam sem terra. Os Krenak viram esses posseiros, até então alojados na fazenda, serem expulsos sem terem para onde ir. A Fazenda Guarani foi local de monocultura de café durante muitos anos, o que ocasionou o desgaste do solo e a consequente improdutividade agrícola das terras.

Os relatórios da FUNAI da época, falam claramente da insatisfação, principalmente dos Krenak. O clima frio vinha ocasionando muitas doenças (na sua área de origem, também chamada "o Krenak", o clima é quente). A falta do rio para a pesca desagradava os índios (acostumados a pescar no Rio Doce). As terras pouco produtivas, que basicamente só davam milho e feijão, e mesmo assim em pouca quantidade, causavam insatisfação (as terras no Krenak são muito

boas). Como se isso não bastasse, havia também o desligamento do universo cultural, representado pelos locais sagrados, como o cemitério e que está diretamente ligado à vida da comunidade.

De 1972 a 1974, a Fazenda Guarani continuou a funcionar como Colônia Penal Indígena. Em 1974 esta Colônia foi desativada oficialmente. A partir daí passaram a ser transferidos para a Fazenda Guarani algumas comunidades indígenas. Para lá foram os Guarani, que hoje se encontram no Espírito Santo. Nesta época eles exigiam uma área próxima ao mar, que é um componente da natureza imprescindível no universo mítico Guarani. Em 1978 chegam várias famílias de Pataxó de Barra Velha, sul da BA, que tiveram em 1980 suas terras reduzidas e de Pataxó hã-hã-hãi, de Itajú do Colônia, no sul da BA que têm, até hoje, suas terras arrendadas pela FUNAI.

O convívio forçado dos Krenak com outros grupos criou vários conflitos entre eles. A discriminação era facilmente percebida.

O povo Krenak permaneceu na Fazenda Guarani até maio de 1980, quando novamente ocuparam suas terras no extinto PI Guido Marlière. Desde então há uma retomada de valores deste grupo e fortalecimento da unidade entre eles.

A permanência dos índios em suas terras, ainda hoje está ameaçada. Um dos grileiros da região, Balbino Laignier de Lacerda, acusa-os de invasores de terra. A questão está sendo discutida judicialmente. É vital para este povo, assegurar-lhes o direito de viver em suas terras. É o dever que temos, de não deixarmos persistir na história dos povos indígenas o etnocídio avassalador.

ALGUNS ASPECTOS OBSERVADOS NO COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO DOS KRENAK QUE SE ENCONTRAM NO RIO DOCE

Segundo a classificação linguística de Aryon d'All Igna Rodrigues, a língua falada por eles pertence ao tronco macro-jê.

Desde o século XIX, quando passam a ser visitados pelos "desbravadores das matas" e viajantes, encontramos várias notas linguísticas. Entretanto, não é possível precisar o caráter científico destes documentos, bem como perceber as variações dialetais entre os pequenos bando em que foram coletados os dados.

Acredito que a língua hoje falada pelos Krenak sofreu várias alterações fonéticas devido a supressão do uso de botoques. Os índios percebem a di-

"rença dizendo que "os antigos falavam um pouco diferente". Entretanto conversar com eles sobre o uso deste adorno não é tão fácil, mesmo quando não se usa o termo botoque, que percebo ser pejorativo. Atualmente eles e eu já conseguimos falar sobre isto, principalmente quando eles se referem aos antigos (como eles chamam os que nasceram na aldeia velha). Nestas ocasiões há um "retorno a outro mundo" onde parece ser "permitido" usar a sua língua. Sempre que nos referimos ao passado, percebo o uso mais constante da "linguagem" (como eles se referem à sua língua). Creio que aos poucos, paralelamente a reconstrução de sua história, será possível desvendar o que representa sua própria língua para este povo.

Durante os 8 anos que eles viveram na Fazenda Guarani, eram proibidos de falar a língua. A proibição não era oficial, entretanto eles dizem que o Chefe do FI não gostava e mandava falar em português. Neste período a "linguagem" foi falada muito pouco, somente dentro de casa. O convívio forçado com outros grupos, tanto no período de funcionamento da Colônia Penal Indígena no Krenak como da permanência na Fazenda Guarani, gerou um "resguardo" da língua que após a volta para a terra, vem sendo aos poucos devolvida à comunidade, principalmente às crianças que tinham pouco conhecimento dela. Desde o retorno pode-se observar como cada vez mais eles falam a "linguagem" e ensinam às crianças.

Quando conheci o povo Krenak, na Fazenda Guarani, eles negaram que faliassem sua língua. Em outras visitas fomos nos conhecendo mais e, aos poucos, com o surgir da confiança mútua, fui tendo contato com a língua. Durante uma visita a Belo Horizonte, eles então falaram algumas coisas na sua língua e depois traduziram. A partir desta visita iniciei meu contato mais íntimo com a língua Krenak.

Algumas vezes eles me dizem não saber expressar determinada coisa na "linguagem". Entretanto, com o passar do tempo, percebo que entre si eles se referem a tal coisa, muitas vezes se surpreendendo com o fato de saberem expressá-la na "linguagem". Contudo, sei que ainda não me dão acesso à várias expressões na língua, que representa sua resistência cultural. Não sei até que ponto é permitido a nós (de fora) penetrar nessa defesa deles.

Tentei uma vez fazer experiência com gravador que não foi bem sucedida. Parece que desenvolveram uma resistência maior em informar e se lembrar.

rem da língua, quando estão diante de um gravador. Fazer anotações diante deles às vezes também é uma "agressão". Sempre me dizem: "Se você quiser aprender é só escutar. Nós não escrevemos e aprendemos!". Atualmente venho tentando discutir com eles a importância de estudarmos a língua, e desde o retorno ao Krenak, quando a língua assumiu um "novo papel", está sendo possível pensarmos estas questões. Nessas ocasiões sempre é cobrado um "retorno". Para realizar um estudo linguístico no Krenak é muito importante que estudemos também uma forma de devolver isto à eles.

A posição deles como informantes não pode ser analisada separadamente de sua história. Sempre reclamam que pessoas visitam a área, dizendo que tem interesse em aprender a "linguagem". Depois de anotarem muitas coisas, vão embora sem que eles saibam o que elas fizeram com as anotações. Houve casos deles informarem que não se lembravam como era algo na "linguagem", enganando-as.

O pagamento pelas informações é algo bastante conflituoso. As pessoas escolhidas são discriminadas pelas demais, já que recebem dinheiro. Muitas vezes o pagamento é usado para compra de cachaça, causando grandes problemas internos na comunidade.

Quanto ao uso da língua, é comum observar que diante de uma situação com pessoas externas à comunidade eles usam a "linguagem" para chegar a uma decisão. (Certa vez, indo para Brasília, eles solicitaram passagens ao órgão de assistência social da rodoviária. Diante de tantas perguntas da funcionários, eles combinavam o que responder. Eles queriam ir para Brasília, mas não queriam dizer que era para saber de suas terras, com medo de não conseguirem as passagens. A cada pergunta da funcionários, eles combinavam na "linguagem" o que responder.)

Entretanto na presença de membros da comunidade que não falam a "linguagem" eles fazem questão de traduzir, ou muitas vezes evitam de falar na "linguagem". Com pessoas amigas presentes, é também comum perceber isto, o que muitas vezes me leva a pensar que a repressão à língua foi tão forte, que não se permitem usar a "linguagem" sem imediatamente traduzir.

Algumas vezes, quando saí com eles da área, quando já conhecia alguma coisa da língua, e eles eram solicitados a falar na "linguagem", percebia que a tradução sofria várias alterações, sendo retiradas coisas significativas e acrescentadas outras, o que possivelmente se dá ao fato de não haver equivalência de línguas, ou não seja possível expressar o universo cultural.

Atualmente quando há retorno de parentes, tanto a língua, como o parentesco são referenciais para aceitar o novo membro. "Nem que seja umas palavras na linguagem, tem que lembrar." As pessoas que retornaram e já esqueceram muito a língua, eles fazem questão de falar com elas usando a "linguagem". Estas pessoas que não tem conhecimento da língua, são aceitas por "darem notícias dos parentes" de onde veio. Eles sabem exatamente onde se encontram os Krenak dispersos.

A situação internamente é bastante complexa. Observo que quando as mulheres estão sozinhas, conversam bastante na língua entre si. Sempre que me aproximo, elas param ou quando muito falam e traduzem em seguida.

As situações em que mais se usa a língua são sobre comidas, roças, animais, terra e "antigos" (história).

Hoje é muito difícil a língua poder ser usada em todas as situações já que o convívio com o nosso mundo introduziu objetos e valores que não existe correspondente na língua. O casamento com não falantes contribuem bastante para a restrição dos contextos em que é usada a "linguagem".

Creio que o levantamento linguístico será uma tarefa lenta e árdua. Somente será possível um bom trabalho, ao vislumbrarmos o universo religioso e histórico deste povo. Espero e estou disposta a trabalhar bastante para que este estudo venha contribuir na reafirmação do Krenak enquanto povo e que junto deles seja possível contribuir para a memória histórica dos povos indígenas brasileiros.

Belo Horizonte, 30 de outubro de 1981

Thais Cristófaro Alves da Silva

nº 1 - POPULAÇÃO -

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
0 a 1 ano	2	1	3
1 a 5 anos	9	7	16
5 a 10 anos	3	4	7
10 a 15 anos	2	2	4
15 a 30 anos	6	8	14
30 a 60 anos	3	4	7
+ 60 anos	3	3	6
Total	28	29	57

nº 2 - CASAMENTOS -

Nº	Fem	Masc
1	K	NK
2	K	NK
3	NK	K
4	NK	K
5	K	NK
6	NK	NK
7	NK	K
8	K	K
9	K	NK

K - Krenak

NK - Não Krenak

(O quadro nº 3 relaciona as famílias do nº 2)

Nº	Esposa	Esposo	Filhos	Outro parente
1	Laurita	Adão	Marilza Rondon Maurício Marli Irani Mauro Katiani	Sebastiana
2	Dejanira	Lírio	Aparecida Lindomar Arlete Itamar	
3	Dirce	Mosacir		
4	Lena	Basílio	(Fem)	
5	Evadora	Manoel	Filza Francisco Ricardo Marlene Marli Ruça Berenice Nice	
6	Ana	Antonio		
7	Maria	José Alfredo (cacique)	Ambelina José Carlos Selange Osmar Teófilo (Fem)	

	Esposa	Esposo	Filhos	Outro Parente
8	Maria Júlia	João Bugre	Toquinho Roquismar (masc)	Gonzaga Luis Humberto Lucinda
9	Valdina	Damião	Valéria (Masc)	
10		Augusto		Jonas
11		Joaquim Grande		

- COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO -

- HOMENS -	RELACIONAMENTO COM A LÍNGUA
10	Entendem a língua mas falam muito pouco. Raras vezes presenciei conversas entre eles
2	São Pankararu (PE) que vieram para o Krenak na época da Colônia Penal Indígena. Ambos negam-se ao aprendizado da língua.
1	Pataxó hã-hã-hãi (BA) casado com Krenak que morava no PI Água Boa (Maxakali). Está no Krenak há pouco tempo e vem aprendendo a língua.
1	Guarani Kaiowa (ES) casado com Krenak há pouco tempo. Tem se sentido bastante deslocado do grupo. Não sei o comportamento dele em relação a língua.
1	Krenak que viveu muito tempo longe do grupo. Está aprendendo a língua.

De parece não ser permitido aos homens o uso constante da "língua-gem". São raras as vezes que presenciei diálogos entre eles ou com as crianças na língua. Dos 15 adultos, 10 entendem os comentários e pedidos das mulheres feitos na língua.

-MULHERES -	RELACIONAMENTO COM A LÍNGUA
6	Conversam entre si constantemente e falam com as crianças (Em minha presença, com tradução frequente)
1	Entende a língua mas nega-se a falar. São raras as ocasiões que a vi falando na "linguagem".
1	É Pankararu (PE). Já idosa e não tem interesse em aprender
2	Uma Pankararu e outra Krenak (que morava no PI Água Boa) estão aprendendo e ensinando aos filhos.
2	Negam-se a aprender a língua. Moravam em povoados vizinho e casaram com Krenak.

Não é constante o uso da "linguagem" no ambiente familiar. O português é muito mais usado. Algumas situações entretanto, só falam na língua. Num encontro de mulheres é sempre usada a língua nos diálogos.

- CRIANÇAS -	RELACIONAMENTO COM A LÍNGUA
14	Tem acesso constante à "linguagem" no ambiente familiar.
7	Tem pouco acesso. A mãe apesar de falante não ensina muito a língua.
6	Pouquíssimo acesso. Apenas nos contatos com outras famílias e os mais velhos.
3	Nenhum acesso a língua. (menores de 2 anos, que as mães se negam aprender ou ensinar)

Tercebo interesse maior das meninas, em aprenderem a língua, bem como dos meninos até os 7 anos. Os meninos maiores de 7 anos, apesar de entenderem a "linguagem" se negam a falar.

ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

As famílias Krenak se agrupam em pai, mãe e filhos. Geralmente habita algum outro parente, mas este é discriminado por não ser da família. O plantio de roças é individual, geralmente havendo trocas de produtos excessivos. A confecção de artesanato é praticamente realizada com objetivos comerciais.

Existem no Krenak, três grandes grupos familiares:

Sebastiana X Antonio Félix* Laurita X Adão

Deja X Lírio

Noacir X Dirce

Lucinda X Joaquim Eva X Manoel

Júlia X João

Basílio X Lena

Teófilo* X Tota* José, A. X Maria

Augusto

João X Júlia

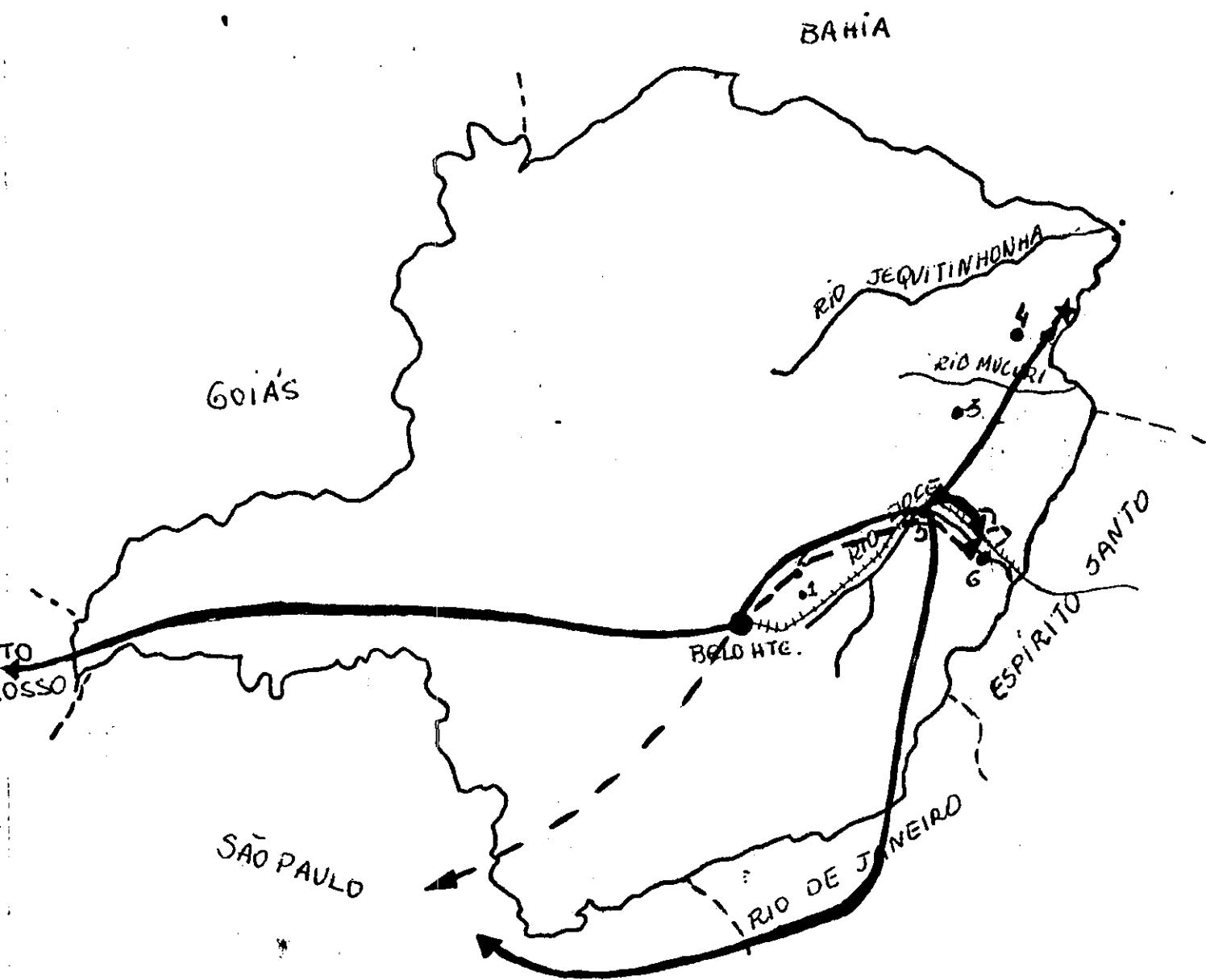
Valdina X Damião

(* indica que já é falecido)

Nas famílias 1 e 8 do quadro nº 3, é mais frequente o uso da "linguagem" devido a presença das índias Sebastiana e Lucinda, que são as mais velhas da comunidade.

Os agrupamentos por família no quadro nº 3, indica o casamento atual. A paternidade é assumida pelo novo marido, portanto muitas vezes os filhos (no quadro) não correspondem que são frutos do atual casamento.

Há grande variação de população, principalmente dos rapazes solteiros.



***** ESTRADA DE FERRO VITÓRIA MINAS - EFVM

- 1 ITABIRA
- 2 CARNÉSIA (6km: Fazenda Guarani)
- 3 TEÓFILO OTONI
- 4 ÁGUAS FORMOSAS
- 5 GOVERNADOR VALADARES
- 6 RESPLENDOR

★ REGIÃO DOS MAXAKALI

▲ REGIÃO DOS KRENAK (Extinto PI Guido Marliere)

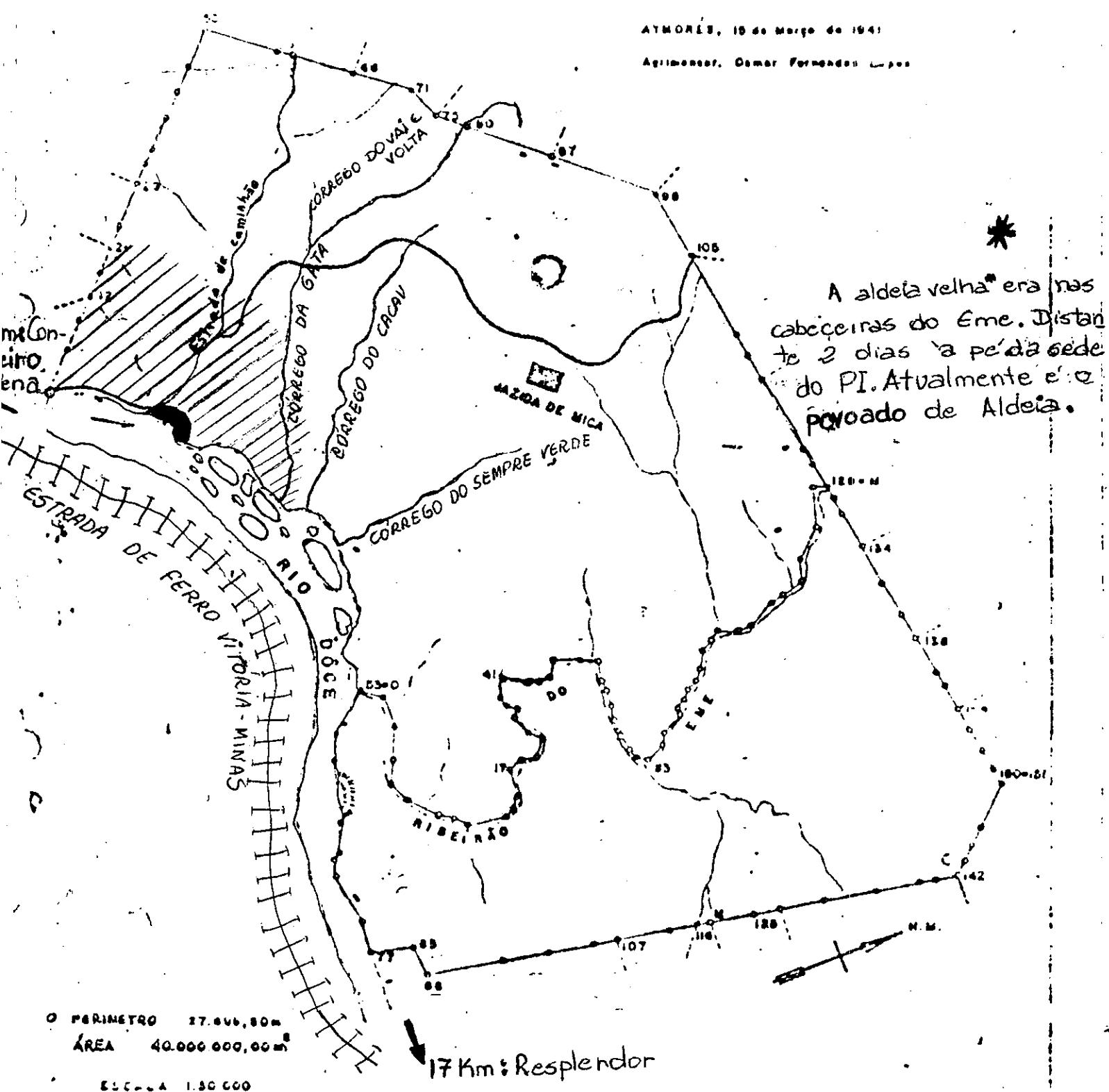
1º Exílio: Aldeia Velha para a sede do PI Guido Marliere - 1923

→ 2º Exílio: PI Guido Marliere para a área dos Maxakali; dispersão - 1958

→ 3º Exílio: PI Guido Marliere para a Fazenda Guarani; dispersão - 1972

REDUÇÃO DA PLANTA DO 3º LEVANTAMENTO DE
TERRAS SITUADAS A MARGEM ESQUERDA DO RIO DO
CE NO DISTRITO DA VILA SANTO ANTONIO DO EME
NO MUNICÍPIO DE RESPLENDOR.

TERRENO OCUPADO PELOS INDIOS CRENAGUES



BRASÍLIA, 23 de maio de 1966

Sede do extinto PI Guido Marliere e da Colônia Penal Indígena.
ÁREA TOTAL: 4.000 ha \cong 950 alqueires

DESENHISTA P. J. P. F. P. M.
NELSON ALVES DE CARVALHO

Esta é a área doada pelo Sr. Artur Bernardes em 1920, que está hoje em litígio.
A parte hachurada corresponde à área ocupada atualmente pelos índios.

- (1) - Relatório do Ministro da Agricultura Miguel Calmon du Pin e Almeida em 1923, Rio de Janeiro, 1925.
- (2) - FUNAI, Programa de trabalho do PI Guido Marliére, Resplendor, 1971
- (3) - FUNAI, Boletim Informativo, I, nº 4, 1972
- Marcato, Sonia de Almeida. A Repressão Contra Os Botocudos Em Minas Gerais - Boletim do Museu do Índio. Etno-História, nº 1, maio, 1979.
- Monserrat, Ruth & Emmerich, Charlotte. Sobre os Aimorés, Kres e Botocudos. Notas Linguísticas. Boletim do Museu do Índio. Antropologia, nº 3, outubro, 1975.

Rebô Horizonte 30-10-81

Thais Gintofaro A. da Silva